

**UERGS - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE LITORAL NORTE/OSÓRIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA: LICENCIATURA**

GIOVANNI DE LIMA RAMOS

REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO MUSICAL E A EJA

**OSÓRIO
2021**

GIOVANNI DE LIMA RAMOS

REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO MUSICAL E A EJA

Trabalho de conclusão de curso (TCC)
apresentado como requisito parcial de
obtenção de título de licenciado em
Pedagogia na Universidade Estadual do
Rio Grande do Sul – UERGS.
Orientador: Profº. Dr. Leandro Forell

OSÓRIO

2021

Catálogo de Publicação na Fonte

R175r Ramos, Giovanni de Lima.
Reflexões sobre a educação musical e a EJA / Giovanni de Lima Ramos. – Osório, 2021.
37 f.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Forrel.

Monografia (Graduação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Licenciatura em Pedagogia, Unidade em Osório, 2021.

1. Música. 2. Educação. 3. Aluno. 4. Realidades. 5. Educação de Jovens e Adultos. 6. Educação musical. 7. Ensino de música na EJA. I. Forrel, Leandro. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por Laís Nunes da Silva CRB 10/2176

GIOVANNI DE LIMA RAMOS

REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO MUSICAL E A EJA

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de graduado em Pedagogia na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientador: Profº. Dr. Leandro Forell.

Aprovado em: 08/07/2021.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Profº. Drº. Leandro Forell

Profa. Dra. Sita Mara Lopes Sant'Anna

Profa. Ma. Fabiana Gazzotti Mauboroda

OSÓRIO

2021

Dedico este trabalho a minha família que sempre me apoiou desde o início da minha jornada acadêmica.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua construção”.
(FREIRE, 2003, p. 47)

RESUMO

Este trabalho de Conclusão de Curso tem por objetivo compreender o universo da Educação de Jovens e Adultos – (EJA) em relação às práticas musicais. Aborda questões legais, marco histórico, além do contexto educacional sobre a importância do diálogo entre as vivências dos alunos da Educação de Jovens e Adultos e o processo de ensino e aprendizagem se tornam fundamentais, valorizar. É preciso dar sentido para que o interesse seja permanente. O papel do professor é dar significado às aulas, fazer com que os alunos se sintam incluídos, na modalidade EJA e como a apropriação da música não só pode, como deve ocupar um lugar importante na escolarização. O sujeito da EJA é alguém que chega às classes com muitas vivências e ensinamentos e neste sentido o papel do professor é promover a fusão destas realidades com os sonhos e desejos deste aluno. Para tanto, efetivou-se como metodologia de pesquisa o Estudo Bibliográfico, sendo realizado um levantamento com base de dados de fontes acadêmicas, como: Scielo, Google Acadêmico, Periódicos da CAPES, entre outros, pois estes nos apresentam autores e estudiosos que norteiam o tema escolhido. Nessa perspectiva, foram realizados estudos, tendo como principais autores: Ferreira (2010), Freire (1979, 2003), DI PIERRO (2000), Gil (2002), Sant'Anna (2015), Wolfenbuttel (2018). Esta monografia tem por objetivo de pesquisa fazer "REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO MUSICAL E A EJA". Foram realizadas pesquisas em revistas acadêmicas, livros, teses, artigos e todos os materiais que pudessem dar embasamento teórico para esta pesquisa, foram primeiramente lidos os poucos artigos, monografias que abordassem o tema escolhido, após a leitura foram destacados importantes apontamentos que sustentassem a escolha deste trabalho. Com este trabalho, espera-se contribuir com os estudos em educação em especial os que tangem a Educação Musical e EJA, porém, os principais resultados obtidos foram insatisfatórios, visto que apesar de ser um tema de grande relevância para o campo acadêmico, continuam permanecendo a escassez de trabalho que foquem suas pesquisas sobre o tema abordado.

Palavras – chaves: Música, Educação, Aluno, Realidades, Educação de Jovens e Adultos, Educação Musical, Ensino de Música na EJA.

ABSTRACT

This Course Completion work aims to understand the universe of Youth and Adult Education - (EJA) in relation to musical practices. It addresses legal issues, historical landmarks, in addition to the educational context on the importance of dialogue between the experiences of students in Youth and Adult Education and the teaching and learning process, which are fundamental, to value. It is necessary to make sense so that the interest is permanent. The teacher's role is to give meaning to the classes, make students feel included, in the EJA modality and how the appropriation of music not only can, but must also occupy an important place in schooling. The EJA subject is someone who comes to classes with many experiences and teachings and in this sense the teacher's role is to promote the fusion of these realities with the dreams and desires of this student. For this purpose, the Bibliographic Study was carried out as a research methodology, and a survey was carried out using a database from academic sources, such as: Scielo, Academic Google, CAPES Periodicals, among others, because they introduce us to authors and scholars who guide the chosen theme. In this perspective, studies were carried out, having as main authors: Ferreira (2010), Freire (1979, 2003), DI PIERRO (2000), Gil (2002), Sant'Anna (2015), Wolfenbuttel (2018). This monograph is intended for research to do: "REFLECTIONS ON MUSICAL EDUCATION AND EJA". Researches were carried out in academic journals, books, theses, articles and all materials that could give theoretical basis for this research, the few articles were first read, monographs that addressed the chosen topic, after reading important notes that supported the choice were highlighted. this work. With this work, it is expected to contribute to studies in education, especially those related to Music Education and EJA, however, the main results obtained were unsatisfactory, since despite being a topic of great relevance to the academic field, they continue to remain the scarcity of work that focus their research on the topic addressed.

Key words: Music, Education, Student, Realities, Youth and Adult Education, Music Education, Music Teaching in EJA.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1 ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.	14
2.2. A EJA NO RIO GRANDE DO SUL	20
2.3. EDUCAÇÃO MUSICAL, E MUSICALIZAÇÃO	21
3. REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO MUSICAL E A EJA	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34

1. INTRODUÇÃO

O tema escolhido por mim não foi por acaso. Há algum tempo penso na questão da importância da música como um campo fundamental de conhecimento por muitas vezes esquecido no que diz respeito a nossa formação cidadã de direito ao conhecimento. A música é uma construção humana. Um dos principais aspectos que a música representa no processo de ensino-aprendizagem é o estímulo ao uso dos sentidos pelo aluno.

Segundo Miranda 2017 “É preciso compreender e entender o significado de “MÚSICA”. Esta pequena palavra vem do grego mousiké e designava, juntamente com a poesia e a dança”, “a arte das musas”. Primeiramente esta expressão estava relacionada com as Musas: —deusas protetoras da educação e por extensão, aos termos poesia e cultura geral; depois, considera-se o contrário — (a-mousos, não musical) refere-se às pessoas incultas e ignorantes. Este termo também é associado a um sentido mais convencional, música, particularmente quando —se refere aos ensinamentos específicos da área; pode ser associado a um —sinônimo de filosofia; e também pode ser associado ao verbo —manthanein, aprender’, que por coincidência é também o verbo do qual se origina a palavra matemática.

O ritmo, denominador comum das três artes, fundia-as numa só. A música existe e sempre existiu como produção cultural. Diferentes fontes arqueológicas, em pinturas, gravuras e esculturas de tempos remotos, apresentam imagens de músicos, instrumentos e dançarinos em ação. Desde que o ser humano começou a se organizar em tribos primitivas pela África, a música era parte integrante do cotidiano dessas pessoas. Estudos das origens e evolução da música ao longo da história acreditam que ela tenha surgido há 50.000 anos, onde as primeiras manifestações tenham sido feitas no continente africano, expandindo-se pelo mundo com o dispersar da raça humana pelo planeta. E através dos tempos sua significação foi sendo espalhada para a humanidade, pois conforme Brécia (2003):

“A música é uma linguagem universal que participou da história da humanidade desde as primeiras civilizações. Portanto, sua presença nas vivências cotidianas é um impulso vital que favorece as atividades psíquicas, desenvolvendo a inteligência, à vontade, a imaginação e a sensibilidade.” (BRÉSCIA, 2003, p. 29)

Desta forma, a relação entre música e sociedade visivelmente é um aspecto ativo da vida social, sendo capaz de ser um meio imprescindível de interação que constrói o indivíduo socialmente e vice e versa, pois, a música reflete valores culturais de indivíduos inseridos em uma determinada sociedade. Neste sentido, Souza (2004, pág. 8) coloca que as relações com a música “representam uma manifestação de uma identidade cultural caracterizada por dupla pertença: classe de idade e do meio social”.

A capacidade de atenção é uma habilidade para escolher e se concentrar em um estímulo do qual é relevante para o indivíduo naquele momento. Desta forma, a música nos ajuda a firmar este foco, tendo em vista que ela proporciona além do aprendizado, o prazer e a diversão. Esta ludicidade não apenas pode ser trabalhada com crianças, mas também, na educação de jovens e adultos, e certamente, com grande sucesso. Até porque esta modalidade de ensino traz consigo histórias de vida e momentos marcantes trazidos pela música que farão toda a diferença nos momentos em que esta prática for trabalhada.

A música pode ir muito além dentro do espaço escolar, pois é um traço importante na construção dos saberes dos educandos. Todavia, em sua grande maioria é utilizada como pano de fundo, uma ferramenta usada em grande parte nas festividades escolares, mas que dificilmente está no dia a dia das turmas no que se refere a um conhecimento mais profundo nas aprendizagens.

A música não só pode como deve sair deste patamar incluso, pois é uma facilitadora no que diz respeito à formação de conhecimentos úteis nos propósitos da vida. E ainda vou mais adiante: penso que a música é um conhecimento autossuficiente para algumas materializações importantes em relação ao aprendizado, tendo em vista que ao contrário de outras áreas do conhecimento, ela não costuma se preocupar com questões virtuais, imigração identidade, terrorismo, etc. Geralmente o objetivo dos projetos musicais são bem mais modestos e focados no aluno, ou seja, no conhecimento e aprendizado individual que esta pessoa terá e que levará para sua vida cotidiana, o que certamente ajudará em muitos seus aprendizados futuros.

Por muitas vezes sua utilidade é o silenciar. E fazer silêncio não é somente não produzir um som. Fazer silêncio é um processo interno, de acalmar a mente, de estar por um determinado tempo no presente, ou seja, no tempo presente, de estar

focado no que está em seu entorno. Saber ouvir a si próprio, saber e compreender seus próprios silêncios. Para ouvir e compreender a fala do outro, é preciso ouvir e compreender a própria fala, pois, ouvir não é escutar. Ouvir requer atenção, exige que coloquemos a voz do outro acima da nossa e, isto é algo que se aprende, não vem pronto.

Pontuar música na educação é defender a necessidade de sua prática em nossas escolas, é auxiliar o educando a concretizar sentimentos em formas expressivas; é auxiliá-lo a interpretar sua posição no mundo; é possibilitar-lhe a compreensão de suas vivências, é conferir sentido e significado à sua nova condição de indivíduo e cidadão (ZAMPRONHA, 2002).

Neste sentido não faço uma crítica na busca da musicalização como apenas um instrumento do silêncio, mas sim, me refiro a uma proposta maior, na qual a música deixa de ser detalhe, uma via secundária e passa a se tornar um elemento chave de conhecimento, de busca e de compreensão mais profunda das aprendizagens pretendidas, pois a música é poderosa produtora de ideias e ideais e seu significado vai além do instrumental. Ainda esbarramos no senso comum de que a musicalidade é um dom ou aptidão que vem no indivíduo, e até é possível que alguém tenha uma facilidade maior na aprendizagem de algum instrumento específico, porém não podemos esquecer que o ser humano é um ser musical. Conforme Sacks (2014)

nós, humanos, somos uma espécie musical, além da linguística [...] todos nós, com pouquíssimas exceções, somos capazes de perceber músicas, tons, timbres, intervalos entre notas, contornos melódicos, harmonia, e num nível mais fundamental, ritmo. (p. 10)

A música transpassa por conceitos transdisciplinares, afinal ela está em todo lugar. Na arte de ouvir, como foi acima, na arte de persistir, na arte da criatividade, na arte do aprender. A diversidade permite ao aluno a construção de hipóteses sobre o lugar de cada obra no patrimônio musical da humanidade, aprimorando sua condição de avaliar a qualidade das próprias produções e as dos outros (PCN, 1997, p. 53).

O ser humano é um ser histórico, em constante movimento e desenvolvimento. A modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA) não é, e não pode ser vista diferente disto, pois é uma modalidade histórica e por muitas

vezes ignorada, comparada e negligenciada. Assim, o tema proposto no presente trabalho é a busca e compreensão deste grupo concomitante com o entendimento da importância da musicalização neste processo educacional. Importante destacar que existe musicalização e educação musical e que há uma diferença importante entre as duas. Segundo Penna (1990), a educação musical é mais específica, pois abrange a escrita musical, o domínio do código. Por outro lado, na musicalização o aluno deve conhecer e definir as diversas manifestações musicais e culturais, ingressando assim em seu contexto sociocultural.

Tendo por base esse contexto e pressupostos, percebi a necessidade de realizar uma pesquisa que busca entender a percepção dos jovens e adultos em relação a música. É uma via dupla a qual a humildade deve caminhar concomitantemente. O educador deve estar ciente de sua importância, porém também deve ter consciência de que ninguém tem o saber absoluto e que sempre, ao ensinar, estamos aprendendo.

O aprendiz não é uma “tábula rasa”, ou seja, este tem muito a ensinar e muito conhecimento adquirido ao longo da vida, basta que este esteja aberto para esta aprendizagem. A troca é fundamental, e Paulo Freire foi o educador que nos trouxe muitas questões a serem pensadas e repensadas, pois suas falas e conselhos basicamente colocam que ninguém é melhor que ninguém.

Para tanto foi utilizado nesta monografia como metodologia de pesquisa, o Estudo Bibliográfico, sendo realizado um levantamento com base de dados de fontes acadêmicas, como: Scielo, Google Acadêmico, Periódicos da CAPES, entre outros, pois estes nos apresentam autores e estudiosos que norteiam o tema escolhido, este que, ao ser definido, já iniciou-se o trabalho de pesquisa bibliográfica, buscando autores aos quais poderiam auxiliar na conclusão deste trabalho.

Foram realizadas pesquisas em revistas acadêmicas, livros, teses, artigos e todos os materiais que pudessem dar embasamento teórico para esta pesquisa, foram primeiramente lidos os poucos artigos, monografias que abordassem o tema escolhido, após a leitura foram destacados importantes apontamentos que sustentassem a escolha deste trabalho, mesmo tendo em vista a escassez de documentos e obras com esse viés, tratando sobre a abordagem da Educação Musical na EJA no Brasil. Segundo Gil, Antônio Carlos:

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica, reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dado muito mais dispersos pelo espaço. Por exemplo, seria impossível a um pesquisador percorrer todo o território brasileiro em busca de dados sobre a população ou renda per capita; todavia, se tem a sua disposição uma bibliografia adequada, não terá maiores obstáculos para contar com as informações requeridas. A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos. (Gil, Antonio Carlos, 2002, pag. 45).

Pode-se refletir sob dois pontos de vista. Um deles é que a área não tem se voltando às pesquisas sobre esta temática. Ou, que as pesquisas realizadas com este objetivo não têm sido publicadas nestas revistas. De todo o modo, entende-se a pertinência de a Educação Musical investigar a EJA, com vistas a contribuir com os processos escolares de ensino e aprendizagem musical. Há, portanto, a necessidade de haver um incremento nestas investigações por parte da área (Wonlfenbuttel e Sant'Anna, 2020, pág. 195)

Com as devidas importâncias e especificidades devidamente expostas no texto acima, apresento o seguinte objetivo de pesquisa:

- **REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO MUSICAL E A EJA**

Nessa direção, e com o intuito de refletir sobre tal problemática, delimito como organização para o tema: 1) A história da educação de jovens e adultos; 2) Paulo freire e a educação que pode mudar o mundo; 3) como a literatura de EJA trata da educação musical; 4) a música nas diretrizes curriculares nacionais para a EJA.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.

O aluno ao se inserir no processo educativo tem a sua frente um universo a ser desvelado. É na interação com o outro e quando esta é tocada em sua sensibilidade que se processa a efetiva significação do aprender. Nessa relação, tem-se no educador uma grande responsabilidade e a possibilidade de mediações importantes. De acordo com Freire:

“A construção do conhecimento se estabelece conforme as relações que o organizam e explicam o mundo. Isso envolve assimilar aspectos dessa realidade, apropriando-se de significados sobre a mesma, através de processos ativos de interação com outras pessoas e objetos, modificando ao mesmo tempo a forma de agir, pensar e sentir.” (1979. P.51)

Partindo desta reflexão é impossível não retomarmos a trajetória desta modalidade no Brasil, por vezes ignorada e se pode dizer até mesmo negligenciada, que passa a ganhar força através de movimentos sociais e populares. Para entende-lá, atualmente é preciso um regate um tanto complexo procurando compreender as lutas destes sujeitos que historicamente são muito significativas para todos os desdobramentos que ocorreram até os dias atuais.

No Brasil colônia já podemos ver os traços da EJA, através da catequização realizada pelos portugueses há crianças, jovens e adultos. Esta tinha como objetivo instruir a princípios religiosos e normas dos colonizadores, porém pode-se perceber que isto se dava através de ações educativas. Sobretudo, já havia o grande marco excludente como aponta (HADDAD; DI PIERRO, p. 109)

Além de difundir o evangelho, tais educadores transmitiam normas de comportamento e ensinavam os ofícios necessários ao funcionamento da economia colonial, inicialmente aos indígenas e, posteriormente, aos escravos negros. Mais tarde, se encarregaram das escolas de humanidades para os colonizadores e seus filhos. (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 109).

Desta forma, pode-se analisar que desde aquele momento havia a intenção de instruir as crianças desde o início da nossa colonização. Aos adultos, eram dedicados os ensinamentos à introdução ao trabalho de práticas iniciais de

agricultura, já que os indígenas que eram nômades, foram aldeados nas reduções e missões jesuíticas, tinham o saber de conduzir, lidar e tratar os animais introduzidos, por eles. Desta forma, desde muito cedo na nossa história a cultura do trabalho vem sendo constituída no nosso país como cita STRELOW (2010):

As aulas régias (latim, grego, filosofia e retórica), ênfase da política pombalina, eram designadas especificamente aos filhos dos colonizadores portugueses (brancos e masculinos), excluindo-se assim as populações negras e indígenas. (STRELOW, 2010, p.51)

Entende-se naquele momento que a união da educação e do trabalho poderia trazer benefícios aos colonizadores, o que posteriormente os portugueses com a chegada da mão de obra das populações negras extraem esta união do Brasil colonial. Desta forma, desde muito cedo na nossa história a cultura do trabalho vem sendo constituída no nosso país.

Em 1824 com a primeira Constituição Brasileira a educação no Brasil, no caso da Educação de Jovens e Adultos, tem o “ganho” de um breve movimento no que diz respeito a escolarização quando esta cita: instrução primária e gratuita a todos os cidadãos. Com isto, abrem-se as primeiras classes de escolarização noturnas destinadas há trabalhadores do sexo masculino que com o conhecimento que iriam obter poderiam ajudar no desenvolvimento do império através de sua mão de obra rápida, barata e qualificada.

Mesmo diante das prerrogativas da Constituição, não houve aporte financeiro ou pedagógico às províncias e muito pouco foi realizado, como enfatiza DI Pierro (2000).

O pouco que foi realizado deveu-se aos esforços de algumas Províncias, tanto no ensino de jovens e adultos como na educação das crianças e adolescentes. Neste último caso, chegaríamos em 1890 com o sistema de ensino atendendo apenas 250 mil crianças, em uma população total estimada em 14 milhões. Ao final do Império, 82% da população com idade superior a cinco anos era analfabeta. (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 109).

No final do século XIX mais precisamente em 1891, institui-se a primeira constituição republicana, e nela o ensino de Instrução pública primária a cargo das então províncias e municípios, ficando a união (Esta Constituição adotou nova forma de governo e de estado: a República Federativa do Brasil) somente a responsabilidade do ensino secundário e superior nos estados, além da promoção

da instrução secundária no Distrito Federal. Ou seja, nada mais do que atualmente (130 anos depois) é a nossa realidade.

Era um período em que sofriam com muitas restrições financeiras e esta destinação compromete significativamente as camadas populares, pois é o mesmo período em que se nega via a esta mesma constituição o voto do adulto analfabeto. Juntando a dificuldade financeira das e municípios em ofertar a escolarização básica a todos, concomitantemente com a grande massa popular adulta analfabeta passamos então a ter um movimento de interesse em mudar esta situação, pois fica claro a intenção do governo em excluir a maior parte da população das organizações políticas.

Mais uma vez garantiu-se a formação das elites em detrimento de uma educação para as amplas camadas sociais marginalizadas, quando novamente as decisões relativas à oferta de ensino elementar ficaram dependentes da fragilidade financeira das Províncias e dos interesses das oligarquias regionais que as controlavam politicamente. (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 109).

Inicia-se então uma mobilização popular para reduzir o analfabetismo. Através de algumas campanhas e projetos fomentados por grupos de intelectuais, além das próprias e municípios percebe-se uma verdadeira batalha cívica contra a situação escolar das camadas populares.

Porém, somente a partir da década de 30 que a população, especialmente os educadores, começaram a exigir uma atenção maior em relação às políticas públicas para a e Educação de Jovens e Adultos. Mesmo esta educação ainda sendo voltada para o adestramento dos sujeitos, especialmente com o olhar para o mercado de trabalho, ou seja, o foco sempre era a atividade que esta pessoa iria realizar.

Com o surgimento da UNESCO (Organização das Nações Unidas) em 1945 aparecem também alguns movimentos em prol do analfabetismo no mundo. Em sua 3ª edição do relatório global sobre aprendizagem e educação de adultos, 758 milhões de pessoas não dominam a leitura e escrita, destes 115 milhões são jovens.

A 1ª Conferência Internacional de educação de Adultos (CONFITEA) foi realizada em 1949 pela UNESCO e foi uma grande conquista que colocou um grande desafio aos países que dela fizeram parte. Esta é promovida a cada 12 anos e a cada edição uma nova proposta é posta para esta modalidade.

A definição de EJA inicialmente foi estabelecida em Nairóbe (Quênia) no ano de 1976, através da recomendação sobre o desenvolvimento da educação de adultos, sendo aprofundada anos mais tarde em Hamburgo. Nesta foi fixada que a educação de adultos engloba todos os processos de aprendizagem formal e informal de pessoas consideradas adultas que desenvolvam suas capacidades, enriquecem seu conhecimento e aperfeiçoam suas qualidades técnicas e profissionais ou então redirecionam suas necessidades para a sociedade.

No Brasil, nessa época inicia-se o processo de urbanização e industrialização o que aumenta a necessidade de se alfabetizar e/ou instrumentalizar a população. Em 1934 a Constituição Federativa dos Estados Unidos do Brasil prevê um capítulo exclusivo para tratar da educação e cultura, o capítulo II, que apresenta o seguinte texto em seu artigo 149:

A educação é direito de todos e deve ser ministrada pela família e pelos Poderes Públicos, cumprindo a estes proporcioná-la a brasileiros e a estrangeiros domiciliados no país, de modo que possibilite eficientes fatores da vida moral e econômica da Nação, e desenvolva num espírito brasileiro a consciência da solidariedade humana.

Essa Constituição que criou o Plano Nacional de Educação (PNE) de forma que a modalidade passa a ser tratada de maneira mais organizada. Percebe – se esta busca no parágrafo único:

Parágrafo único - O plano nacional de educação constante de lei federal, nos termos dos arts. 5º, nº XIV, e 39, nº 8, letras a e , só se poderá renovar em prazos determinados, e obedecerá às seguintes normas: a) ensino primário integral gratuito e de frequência obrigatória extensivo aos adultos;

Embora muito se tenha avançado a partir desta Constituição, somente em 1958 no II Congresso Nacional de Educação de jovens e Adultos que realmente fica claro o verdadeiro avanço, quando o então presidente da república Juscelino Kubitschek de Oliveira, na lógica do desenvolvimento “de 50 anos em cinco”, convoca alguns grupos de vários estados para exporem suas experiências através dos movimentos em prol da erradicação do analfabetismo. Neste mesmo congresso o educador Paulo Freire ganha destaque com sua experiência em Angicos.

[...] marcava o Congresso o início de um novo período na educação de adultos no Brasil, aquele que se caracterizou pela intensa busca de maior

eficiência metodológica e por inovações importantes neste terreno, pela reintrodução da reflexão sobre o social no pensamento pedagógico brasileiro e pelos esforços realizados pelos mais diversos grupos em favor da educação da população adulta para a participação na vida política da Nação. (Paiva, 1973, p. 210 In HADDAD & DI PIERRO, 2000, p.112)

Nesta mesma década, já com a presença da UNESCO dois movimentos tomam força de forma expressiva, que são: libertadora e funcional. O movimento com a ideia libertadora visava construir um ambiente consciente, superador e libertador das questões de exclusão. Já o movimento funcional buscava na educação de base uma mão de obra mais qualificada.

Já na década de 1960 a Educação Popular e a alfabetização de jovens e adultos caminham concomitantemente e acabam formando um movimento de participação popular no Brasil, que rapidamente é erradicado com a ditadura militar que se instaura no nosso país em 1964. Porém, a modalidade não fica esquecida, pois o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) é formalizado através do decreto 62/455 de 1968, durante o regime militar no governo de Artur da Costa e Silva e seu objetivo era de promover a alfabetização funcional e educação continuada para os analfabetos de 15 anos ou mais, por meio de cursos especiais, com duração prevista de nove meses.

Na década de 70, mais precisamente em 1971 o termo supletivo foi incluído na educação de pessoas jovens e adultas através da Lei 5.692/71, onde abrange o ensino de 1º e 2º graus e tem por objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de autorrealização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania.

. No final desta década têm início os Centros de Ensino Supletivo e atividades de educação de adultos pelo rádio e TV (Projeto Minerva no rádio e na TV, Telecurso).

Em 1985, o primeiro governo Civil de transição para a democracia é conduzido por José Sarney, que encerra o Mobral e institui a Fundação Educar, que destinava recursos e fornecia apoio técnico para a oferta de alfabetização de adultos nas escolas. Com o fim da ditadura militar a luta dos educadores e movimentos em prol da educação das pessoas jovens e adultas foi então assumida pela Constituição Federal em 1988 com o entendimento que a educação é um direito de todos. Desde

então, muitos avanços foram conquistados, inclusive financeiros, diminuindo consideravelmente os índices de analfabetismo no nosso país.

Contudo que a democracia nos trouxe de forma benéfica, os próximos anos após a Constituição Federal foram de instabilidade política e financeira (Impeachment do presidente Fernando Collor de Melo, o Plano Real, emenda da reeleição).

Na V CONFITEA, realizada em Hamburgo em (1998) o sentido da educação de EJA alargou-se para a ideia de educação ao longo da vida, ou seja, a ideia de aprender por toda a trajetória vivida é indispensável, pois os sujeitos se humanizam e se transformam no processo de aprendizagem de formas diversas e em diferentes espaços sociais. Nesta conferência inclui-se então os jovens nesta modalidade.

Mesmo assim, a luta sempre continua em grandes ou pequenos grupos e neste sentido merece destaque a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) que estabeleceu no seu capítulo II, seção V a Educação de Jovens e Adultos. Esta seção diz em seu artigo 37: “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou oportunidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria”. Essa definição da EJA, demonstra o potencial da educação inclusiva que possui essa modalidade de ensino.

Em 2007 houve a substituição do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério (FUNDEF) pelo Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de valorização dos profissionais da Educação (FUNDEB), e nesta troca a modalidade de EJA conquistou legalmente os mesmos direitos das outras modalidades que integram a Educação Básica (Educação Infantil, Ensino fundamental e Ensino Médio).

Todas estas conquistas foram de suma importância para a Educação de Jovens e Adultos, tendo em vista todo o histórico de lutas, perdas e ganhos, podemos entender que mesmo não sendo o ideal já se subiu muitos degraus.

2.2. A EJA NO RIO GRANDE DO SUL

A EJA é destinada aos que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria, para que possam concluir estes níveis de ensino, mediante cursos e exames. O INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, através do censo escolar concluiu que de 2008 a 2014 o número de matrículas no nosso estado caiu. No entanto de 2014 até 2018 houve um acréscimo nas matrículas, chegando a 157.097. De todas estas, 98% são foram no ensino fundamental e 2% do ensino médio. Se compararmos ao Brasil percebemos um valor considerável, pois em nosso país esses valores são de 88% e 12%, respectivamente.

Para chegarmos a estes valores citados acima, temos que fazer uma volta ao passado em relação à Educação de jovens e adultos no nosso estado. Esta modalidade se instaura aqui meados dos anos 60, com sua estrutura no Sistema de Ensino Estadual e ocorria nos centros de estudos supletivos – CEES. Como explica Sant’Anna (2015):

De uma forma geral, o Ensino Supletivo envolvia, através da legislação, as funções de suplência, aprendizagem, qualificação e suprimento. Em qualquer destas dimensões, esse ensino pressupunha sua estratégia de ação, na forma de cursos ou exames. Os sentidos expressos por esta legislação evocavam que a “suplência” cabia a função de “suprir uma escolarização”, com o oferecimento de oportunidades de conclusão do ensino de 1º e 2º graus, pelo adulto, no sistema educacional, em tempo reduzido no ensino regular. Ainda, no ensino escolar, poderia haver o “suprimento” como possibilidades oferecidas pela escola em estudos continuados de aperfeiçoamento e atualização para “os que tenham seguido o ensino regular no todo ou em parte”.

Toda esta aprendizagem tinha o objetivo da escolarização para o mercado de trabalho. Muitas ações foram planejadas e executadas para auxiliar no ensino supletivo do estado do Rio Grande do Sul, além de formações de professores oferecidas as quais existem documentos comprobatórios.

Muito se fez e houve uma mudança significativa no entendimento do que estes alunos são e o que buscam. Assim, a EJA foi sendo, aos poucos reinventada e ressignificada através de uma reorientação dos processos pedagógicos que envolvem este universo de ensino. Nessa perspectiva entende-se que estes educandos precisam ser reconhecidos e entendidos no seu próprio tempo. Neste

momento as Universidades passam a discutir esta modalidade e o relator do Parecer 11 (CNEd 2000, p. 35) coloca:

Desse modo, as instituições que se ocupam da formação de professores são instadas a oferecer esta habilitação em seus processos seletivos. Para atender esta finalidade elas deverão buscar os melhores meios para satisfazer os estudantes matriculados. As licenciaturas e outras habilitações ligadas aos profissionais do ensino não podem deixar de considerar, em seus cursos, a realidade da EJA.

Assim, inicia-se então esta modalidade na rede estadual de ensino com uma visão respeitosa em relação a trajetória dos alunos. Muitos avanços aconteceram e em 2002, o Estado já contava com 748 estabelecimentos que ofereciam a modalidade de EJA.

Sabe-se que muito ainda temos que percorrer nesta modalidade de ensino, pois, estes alunos enfrentam batalhas diárias e cada dia que entram nas salas de aula podemos considerar uma vitória. Assim como no resto do país a EJA não só pode, como deve ter um reconhecimento maior, até porque a política tem um papel importante nos avanços e retrocessos no efetivo exercício. Os professores, os alunos são a ponta do iceberg.

Nosso estado enfrenta uma crise financeira considerável e infelizmente isto afeta a educação. A oferta de vagas de 2010 a 2016 diminuiu bastante enquanto a demanda aumenta cada ano mais, conforme nos cita Sant'Anna (2018) “[... delinea-se uma demanda potencial pela EJA muito superior a oferta de vagas da modalidade...]”.

Lidar com esta demanda é de responsabilidade do Estado e precisamos enquanto Estado ofertar mais vagas, realizar um chamamento em que haja uma maior publicidade, além de fazer este público compreender a importância da educação para suas vidas.

2.3. EDUCAÇÃO MUSICAL, E MUSICALIZAÇÃO

O universo musical é muito vasto e a musicalização perpassa este universo. O foco maior é a noção musical e não o conhecimento mais aprofundado. O aluno neste universo tem a oportunidade de estudar a música, mas não o código, mas sim

a cultura, o contexto sociocultural. Neste contexto o aluno descobre a música a partir de vivências e experiências, através de dinâmicas, atividades, apreensão musicalização descobre a música por meio de atividades, dinâmicas e exercícios, apresentações, etc.

O aluno é preparado para ler e escrever música, ou seja, o código é a referência do estudo. Em relação ao instrumento, os educandos de música têm um contato direto de como manuseá-lo e tocá-lo a partir de uma partitura, uma cifra.

No uso da voz, o aluno compreende como a teoria ajuda na prática. Através de um instrumento e seu domínio a aprendizagem fica mais clara para se expressar no canto. Novamente o domínio do código se faz como base para o conhecimento.

Na musicalização, o estudante tem contato com variados instrumentos musicais, porém não aprenderá a ler notas musicais e nem partitura. O objetivo maior é ter o contato e aprender a manusear diversos instrumentos, sendo que a cultura e história de cada um é a maior abordagem.

Apesar de parecerem muito semelhantes, a musicalização e a educação musical têm diferenças importantes entre elas. De forma geral, a educação musical busca a formação do músico de maneira mais profunda. O aluno como já mencionado anteriormente é capacitado a ler o código, através de práticas que o fazem letrado em partituras e notas musicais.

Através da musicalização o aluno compreende a importância do saber se expressar a partir da música e como fará isto. O aluno compreende a importância da música de forma que possa utilizar-se dela em muitos momentos, pois a habilidade é mais ampla.

A proposta curricular para o ensino de música dá destaque ao que se chama de criação musical, voltada para a pesquisa sonora no momento em que acontece a fusão entre as experiências musicais dos estudantes com os sons que podem estar descobrindo na instituição escolar. Segundo esta proposta este processo de criação proporciona momentos de autoconhecimento além de fazer uma chamada à reflexão de suas atitudes e valores (musicais ou não) diante do outro e de si mesmo.

Segundo as diretrizes, o (a) aluno (a) percebe que a arte musical está ao seu alcance no momento em que tem a possibilidade de refletir musicalmente sobre ritmos e melodias, executar arranjos musicais e praticá-los com certa frequência. Experimentando se compreende com maior facilidade o material que se está

trabalhando e se desenvolve criticamente a partir das suas próprias experiências musicais.

A composição é muito importante na educação musical. Ela é vista como um aprendizado significativo em que o foco não é o professor. Neste sentido é necessário atividades que proporcionem a tomada de decisões durante o processo, pois isto fará com que automaticamente o (a) aluno(a) se comunique através de seus pensamentos musicais. Para isto, várias são as atividades que podem ser colocadas frente ao educando, como por exemplo: textos, filmes, improvisações, ritmos, melodias, etc.

“A composição tem lugar quando há alguma liberdade de escolher a ordenação da música, com ou sem notação ou outras formas de instrução detalhadas para execução. Outros podem preferir, às vezes, usar os termos improvisação, invenção ou música criativa. Todos eles entram nessa abrangente definição de composição, o ato de montar música” (Swanwick , 2014, p. 86).

A Educação de Jovens e Adultos, é uma modalidade que representa um contexto com muitas particularidades, se fizermos uma comparação ao ensino fundamental regular. É preciso que o docente compreenda isto, pois seus alunos trazem consigo uma diversidade em todos os sentidos e estas precisam ser levadas também em consideração ao se planejar propostas pedagógicas voltadas para a educação musical.

O (a) aluno (a) pode e deve auxiliar neste processo. Ainda não se tem um material didático muito vasto para as salas de aula da EJA no que diz respeito a arte musical, mas o caminho se abriu e certamente logo haverá mais possibilidades.

A composição incentiva o pensamento e o movimento, promovendo debates riquíssimos que envolvem os conhecimentos, as habilidades, as concepções e gostos musicais de cada um que ali se faz presente. Proporcionar aos estudantes uma experiência em que eles se tornam efetivos na sua própria aprendizagem.

E, como já é de conhecimento popular o aluno que tem suas experiências musicais valorizadas aprende com uma facilidade bem mais ampla, afinal se sente seguro, capaz e autor da história que está construindo.

Mas de um modo geral, a música, os instrumentos e tudo o que a compõe, demarcam momentos das nossas vidas, nos emocionam, sensibilizam ao mesmo tempo em que são compostas por temas atuais diversos, nos auxiliam a

compreender e refletir, de forma crítica e problematizadora, os aspectos do mundo que nos cerca, em seus processos históricos, políticos, sociais, econômicos, culturais e etc.

3. REFLEXÕES SOBRE A EDUCAÇÃO MUSICAL E A EJA

Esta pesquisa possui um significado muito importante para mim, pois desde que vim ao mundo, sempre fui apaixonado pela arte musical. Nasci em uma família que propôs conhecer e me aprofundar cada vez mais nessa arte, onde a melodia sempre nos promoveu benefícios e alegrias, e nos deu a honra de poder levar esse dom a inúmeras pessoas, podendo assim passar essa felicidade que nos rodeia em forma de acordes e sons a diversos amigos e incentivadores de nossa arte, além de que aprendi desde pequeno que a música tem muito mais a nos beneficiar do que podemos imaginar principalmente na formação do nosso caráter, onde podemos socializar e interagir com demais pessoas e comunidades que fazem da música uma forma de vida.

Ao iniciar as minhas pesquisas foi impossível não fazer conexões com as poucas experiências que tive ao longo de minha graduação com a questão pedagógica em relação à Educação de Jovens e Adultos. A música é sim muito utilizada nas escolas, mas não aprofundada e nem explorada. Todos os alunos trazem consigo bagagens culturais que não só podem, como devem ser aproveitados, isto certamente vai ser essencial para a aprendizagem, pois o aluno que se sente valorizado tornar-se autônomo e capaz de conduzir seu próprio conhecimento.

O trabalho pedagógico deve ser um trabalho que coloque o aluno em primeiro plano para o docente, e a aprendizagem deve representar mais que um instrumento de inserção em uma sociedade já estabelecida, deve possibilitar ao discente o desenvolvimento de sua integridade de sujeito pensante e incentivar sua atuação crítica e criativa diante do mundo que o rodeia.

É possível perceber, que a música traz inúmeros benefícios, na medida em que contribui para o aperfeiçoamento da cognição e da linguística do discente e do ser humano, uma vez que:

[...] os diversos estímulos que as experiências musicais proporcionam o desenvolvimento intelectual é um caminho seguro. É tão seguro quanto o desenvolvimento linguístico, já que a música cantada tem como principal o som das palavras, que devem ser pronunciados de forma correta, respeitando sua língua de origem, obrigando assim um conhecimento gramatical e da língua envolvida que por sua vez desenvolve

a linguagem oral, importante na comunicação das pessoas. (WEIGEL, 1988, p.13)

Importante ressaltar que buscar respostas para questões pertinentes ao ensino e aprendizagem de jovens e adultos, sabendo que o ensino a Educação de Jovens e Adultos, é uma modalidade de ensino destinada a pessoas que não tiveram oportunidades de frequentar a escola na idade convencional, por inúmeros motivos. Costuma-se quase que frequentemente colocar que estes sujeitos buscam prosseguir os estudos com a finalidade de recuperar o tempo perdido, como se estes indivíduos tivessem perdido tempo em seguir com suas vidas quando, na verdade, eles muito trazem ao espaço escolar em grande parte, ensinamentos oriundos de suas trajetórias de vida, o que, segundo Pinto (2000):

Nesse sentido, sua situação de analfabeto ou de semianalfabeto não representa um obstáculo à consciência de seu papel formal (seu dever) social. A falta de educação formal não é sentida pelo trabalhador adulto como uma deficiência aniquiladora, quando a outra educação – a que é recebida por sua participação na realidade social, mediante o trabalho – proporciona os fundamentos para a participação política, a atuação do indivíduo em seu meio. E a prova é que estes são indivíduos que exercem importante papel como representantes da consciência comum em sua sociedade. (PINTO, 2000, p.80)

Mas, sabendo que o sistema educacional tem um papel fundamental na vida humana, pois é um espaço onde ocorre a aprendizagem, busca-se a formação de indivíduos críticos e criativos que possam exercer de forma plena a cidadania, participando dos processos tanto de transformação quanto de construção da realidade.

A EJA, com a reforma educacional dos anos 1990, ganhou a função específica de garantir a equalização da população que por motivos diversos teve sua escolaridade interrompida ou não realizada. O que se apresenta é que por meio dessa modalidade da educação poderia ser garantida a equidade, termo utilizado como sinônimo de igualdade. (CHILANTE, 2005, p. 172).

O processo de ensino e aprendizagem se dá desde que viemos ao mundo, onde somos expostos a diversos lugares e pessoas. Neste processo de interação, vamos nos desenvolvendo e conseqüentemente tendo nossas primeiras aprendizagens. Com a Educação de Jovens e Adultos em pauta, é necessário entender que nunca é tarde para se aprender a codificação e decodificação das

palavras, letrar-se não somente de letras e números, mas sim letrar-se do mundo. Assmann (1998), diz:

A aprendizagem não é um amontoado sucessivo de coisas que se vão reunindo. Ao contrário, trata-se de uma rede ou teia de interações neuronais extremamente complexas e dinâmicas, que vão criando estados gerais qualitativamente novos no cérebro humano. (ASSMANN, 1998, p. 40)

Segundo Macedo (2012 apud SALLA, 2012, p. 54), a aprendizagem “[...] não é a mesma para todos, e também difere de acordo com os níveis de desenvolvimento de cada um, pois há domínios exigidos para que seja possível construir determinados conhecimentos”.

Voltando a musicalização, na nossa cultura, todos viemos impregnados com experiências musicais e não temos como excluí-la de nossas vidas, sabendo que ela está em todo o lugar, presente na história do ser humano, produzindo diversas funções e sensações na vida de cada ser, promovendo também benefícios, na saúde, no corpo e na mente, dentre tantos outros pontos positivos que ela pode estar favorecendo na vida de cada indivíduo, como nos fala Brécia (2003):

Na verdade, a música não é apenas entretenimento, deleite, convite ao devaneio. É também fonte de crescimento espiritual, enriquecimento da sensibilidade e fortalecimento do ego, condições fundamentais para a realização plena do ser humano na sua trajetória de vida. (BRÉSCIA, 2003. p. 29)

Novos ensinamentos surgem o tempo inteiro, assim os docentes precisam estar sempre atentos em relação a estes como irá levá-los para sua sala de aula, como irá adequar estes e quais serão os métodos utilizados.

A abordagem musical e métodos relacionados a esta questão para os discentes, deveriam ser utilizadas como uma estratégia para melhorar a percepção do que ensinar e como ensinar. Vivemos numa sociedade em constante mudança e precisamos estar nos adequando e tornando nossas aulas cada vez mais atrativas, e por que não fazer essa metodologia com nossos alunos da EJA, proporcionando a eles uma aula mais atrativa e baseada no gosto e saberes que eles trazem para a aula.

Estratégias: do grego estratégia e do latim strategia é a arte de aplicar ou explorar os meios e condições favoráveis e disponíveis para melhoria no processo de educação. Técnicas: do grego, technikós, relativo a arte. A arte

material ou o conjunto de processos de uma arte, jeito ou habilidade de executar ou fazer algo. Dinâmicas: do grego *dinamikós*, respeitante ao movimento e as forças, parte da mecânica que estuda os movimentos (ANASTASIOU; ALVES. 2009.p.2)

A educação dos seres humanos, tanto na sociedade como em escolas tradicionais e escolas técnicas, deve ter como princípio a vida e o futuro de uma nação como um todo, onde nós como docentes devemos buscar a todo o instante, novos métodos de ensino aprendizagem para nossos alunos. Buscar sempre mais, trazendo para sala de aula o que realmente importa e deixa as aulas mais dinâmicas e atrativas, despertando um maior interesse por parte dos discentes, conforme a Pereira (2017):

A música faz parte da vida das pessoas desde cedo. Desperta diversas sensações e sentimentos, transporta o indivíduo para um estado satisfatório e prazeroso, e acaba auxiliando no processo de socialização.

A música além de contribuir para o aperfeiçoamento da cognição e da linguística, o desenvolvimento social/afetivo, também é um recurso facilitador do processo de alfabetização. Ao fim da investigação concluiu-se enfatizando que no ambiente escolar fazer o uso da música no desenvolvimento de atividades pedagógicas auxilia no melhoramento da sensibilidade, na construção do conhecimento, no raciocínio e expressão corporal. É um recurso no qual os alunos apreciam não importando a idade e/ou limitações. A música está presente no dia a dia do ser humano, sendo de grande importância para o seu desenvolvimento físico, intelectual e social, proporcionando uma melhor qualidade de vida.

A música nada mais é do que uma arte, e o educador tendo esta compreensão buscam a perspectiva de que educar é intencionalizar o crescimento intelectual e emocional fazendo uso de metodologias que facilitem e despertem o interesse dos (as) alunos (as). No universo metodológico, a música, pode-se apresentar como um recurso promissor, capaz de contribuir pedagogicamente para o processo de ensino e aprendizagem. Segundo Rosso (2010):

Para musicalizar o contexto escolar e transformar a música numa área de estudos e conhecimentos tão importante quanto às demais, o educador deve entender que o primeiro passo é buscar compreender a escola em todos os seus segmentos. Afinal são as pessoas que orientam as ações na escola e não as disciplinas que a compõem.

No processo de aprendizagem é importante levar em consideração os acessos as informações, pois estas irão auxiliar na relação dos saberes. Falando em musicalização, importante ser uma proposta que tenha por base as experiências e culturas que eles já trazem consigo e que pode e deve ser de grande valia no espaço escolar.

Os educandos estão na sala de aula buscando um aprendizado que muitas vezes erroneamente acreditam ser maior e melhor que o que eles possuem. Desta forma, não podemos nos deter em formar pessoas apenas para determinado assunto, como exemplo matemática, precisamos formar pessoas com responsabilidade, com pró-atividade, criatividade, pessoas capazes e dispostas a transformar a sociedade atual para melhor, fazendo a ligação da escola com o aprendizado de vida, formando cidadãos de um mundo, críticos e conscientes da realidade. A Educação de Jovens e Adultos, apesar de parecer um termo novo, tem uma vasta história, sendo estas de muitas lutas e desafios como já foi citado no presente trabalho.

A música, como qualquer outra arte, acompanha historicamente o desenvolvimento da humanidade. Antes mesmo do descobrimento do fogo, o ser humano já se comunicava por meio de sinais e sons rítmicos. Segundo Brécia (2003), afirma que a música está presente em quase todas as manifestações sociais e pessoais do indivíduo desde os tempos mais antigos.

No contexto escolar, a música ensina o indivíduo a ouvir e a escutar de maneira ativa e refletida. Não significa que a música se torne o único recurso de ensino, mas de que forma pode facilitá-lo, e promover uma aula mais cativante e atraente para o discente, pois o aluno convive com a música desde muito pequeno.

FARIA (2001) afirma que, para a aprendizagem da música, é muito importante, o aluno conviver com ela desde muito pequeno. A música quando bem trabalhada desenvolve o raciocínio, criatividade e outros dons e aptidões, por isso, deve-se aproveitar está tão rica atividade educacional dentro das salas de aula.

A música pode ser uma atividade divertida e que ajuda na construção do caráter, da consciência e da inteligência emocional do indivíduo, pois desenvolve a mente humana, promove o equilíbrio, proporciona um estado agradável de bem-estar. A arte de combinar os sons, é uma excelente fonte de trabalho escolar porque, além de ser utilizada como terapia psíquica para o desenvolvimento

cognitivo, é uma forma de transmitir ideias e informações, faz parte da comunicação social, facilita a concentração e o desenvolvimento do raciocínio, sendo também um agente cultural que contribui efetivamente na construção da identidade do cidadão, podendo até mesmo transformar conceitos espontâneos em conceitos científicos.

O uso da música na aprendizagem, também valoriza o trabalho em equipe, como exemplo, para que uma orquestra ter sucesso, todos os seus elementos têm que trabalhar em conjunto harmoniosamente com um único objetivo, o desempenho, e têm que se comprometer a aprender a música, participar em ensaios, e praticar música em conjunto. Por isso, sua importância também em sala de aula.

Tais considerações nos permitem acreditar que a música pode facilitar a compreensão do (a) aluno (a), pois estabelece empatia entre professor/aluno (a). A empatia é um conceito que ocorre quando todos os sujeitos – compositores e alunos (as) se identificam com o contexto histórico, passando a pensar historicamente, ou seja, se colocando no lugar do outro. Segundo Felgueiras (1994, p. 57):

A empatia está associada à simpatia, à projeção de sentimentos ou, mesmo, à identificação com outros personagens (...). Se empatia for entendida como uma disposição para ter em conta os pontos de vista de grupos que, de um modo diferente de nós, acreditaram, valorizaram e sentiram determinados processos ou eventos, então, podê-la-emos também enquadrar, como alguns pretendem, nas atividades cognitivas.

Assim, é possível levantar a hipótese de que o aluno, nas situações em que a música é utilizada como recurso didático, se identifica, motiva-se, e sente-se agraciado por ter uma aula divertida, atrativa e com um significado muito importante em suas vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda minha trajetória acadêmica, foi regada de muita dedicação, garra, foco e determinação, apesar de todos os obstáculos e desafios para concretizá-la, consegui realizar e ultrapassar todas as dificuldades que pareciam por muitos momentos que iriam se sobressair perante a mim e meus objetivos, não é uma tarefa fácil você trabalhar e estudar, ainda mais quando seu trabalho não vai ao encontro com a teoria vivenciada na universidade, sofri muito com os percalços que tive que enfrentar durante esses 4 anos e meio de graduação.

Somente agradecer e ter gratidão sempre, por todos os ensinamentos trazidos por todos os docentes que conheci e aprendi muito, pois todos sem exceção me tornaram uma pessoa muito melhor, com todos os seus conhecimentos, fortaleceram ainda mais a minha vontade de continuar me dedicando aos estudos, e enriqueceram muito o meu processo de ensino e aprendizagem como futuro docente.

Este trabalho possui um significado muito importante para mim, pois desde que vim ao mundo, sempre fui apaixonado pela arte musical, nasci em uma família que propôs conhecer e me aprofundar cada vez mais nessa arte, onde a melodia sempre nos promoveu benefícios e alegrias, e nos deu a honra de poder levar esse dom a inúmeras pessoas, podendo assim passar essa felicidade que nos rodeia em forma de acordes e sons a diversos amigos e incentivadores de nossa arte. Aprendi desde cedo que a música tem muito mais a nos beneficiar do que podemos imaginar principalmente na formação do nosso caráter, onde podemos socializar e interagir com demais pessoas e comunidades que fazem da música uma forma de vida. De acordo com Loureiro:

A Paixão dos gregos pela música fez com que desde os primórdios da civilização, ela se tornasse para eles uma arte, uma maneira de pensar e de ser. Desde a infância eles aprendiam o canto como algo capaz de educar e civilizar. O músico era visto por eles como o guardião de uma ciência e de uma técnica, e seu saber e seu talento precisava ser desenvolvido pelo estudo e pelo exercício. O reconhecimento do valor formativo da música fez com que surgissem, naquele país as primeiras preocupações com a pedagogia da música. (2003, p.34).

Importante ressaltar que em relação a arte musical o aluno podendo expor seu pensamento e experiências o processo segue com leveza, assim se fomenta o

desejo de se aprender, buscar e qualificar-se. As experiências musicais em uma sala de aula de EJA são as mais diversas, pois proporciona a fusão de mundos musicais muito heterogêneos.

A música está presente em qualquer fronteira etária, e proporcionar esta discussão também são proporcionar a construção de um espaço de grandes trocas musicais. Isto é um desafio para os docentes, tendo em vista que este tem que organizar em um espaço discussões significativas e que encontre conexões entre diferentes gerações.

A modalidade de Educação de Jovens e Adultos ainda tem um longo caminho pela frente, mas muito já se conquistou. Ferreira (2007, p. 13) enfatiza que a principal vantagem que obtemos ao utilizar a música é proporcionar “um segundo caminho comunicativo que não o verbal – mais comumente utilizado”. Outro aspecto para sua utilização é o fato dos alunos vivenciarem sentimentos e experiências, pois segundo Ferreira (2010, p.47):

[...] não é somente no âmbito afetivo ou por sua utilização como recurso didático que a música apresenta fortes relações com o processo educacional. [...] a música nos cerca de várias formas e em diversos momentos, o que implica dizer que ela é, também, um fenômeno sócio histórico. Canções veiculam ideias e sentimentos de indivíduos que, invariavelmente, estão inscritos em um contexto sociocultural e histórico. Assim, ao transmitir ideias e emoções, ela expressa também cultura.

Meu maior desejo é que este trabalho traga contribuições para quem já atua ou que pretenda atuar nesta modalidade. Pois todos nós independentemente da idade temos muito a ensinar e a aprender. A busca eterna do respeito à diversidade e diferenças não é uma tarefa fácil, mas tendo este entendimento já é meio caminho andado.

A música faz parte de todo um processo de desenvolvimento humano, desde a mais tenra idade, neste contexto enfatiza-se a educação musical (musicalização) como processo facilitador para o desenvolvimento social, cultural e intelectual do ser humano. A universidade ao compartilhar e acreditar na ideia deste trabalho poderá contribuir na resposta desta investigação, pois no intuito de formar docentes (assim como eu), poderá inserir esta problematização na formação de cada um dos futuros professores.

A experiência musical que cada um dos estudantes trás para a sala de aula, sendo eles na formação acadêmica ou fundamental na qual este trabalho se refere, é extremamente importante, afinal a música está inserida em cada um de nós de forma empírica e abstrata e a experiência com a arte da música proporciona a aprendizagem real que é o nosso maior objetivo.

O discente pode ter uma aprendizagem significativa, basta o educador desconstruir seus paradigmas e proporcionar um aprendizado com momentos e espaços em que a música se torne o motivo para pensar e discutir criticamente, fazendo pensar em si e no mundo ao seu redor.

O intuito deste trabalho tinha por apresentar as principais reflexões sobre a Educação Musical e a EJA, porém após um longo período de pesquisa, fica constatado que permanece escasso a quantidade de trabalho que embasem o tema, e que tratem por fazer relações importantes que possam contribuir para o processo de ensino e aprendizagem de nossos alunos Jovens e Adultos, sendo assim o objetivo foi atingido e concretizado, ao localizar teóricos importantes que embasaram e deram sustentação a pesquisa, porém insatisfatório, pois ao iniciarmos a pesquisa tínhamos uma expectativa muito maior do que o encontrado ao longo dela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANASTASIOU, Léa da Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate. **Estratégias De Ensino**. 2010.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação**: rumo à sociedade aprendente. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei nº 5692/71

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei nº 9.394/96.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: Acesso em 23 março de 2021.

_____ Resolução CNE/CEB nº1, de 05 de julho de 2000. **Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Disponível em: Acesso em: 12 março de 2021.

_____ Parecer 11/2000 do Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação de Jovens e Adultos. Brasília: maio de 2000.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 130p

BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. **Educação Musical**: bases psicológicas e ação preventiva. São Paulo: Átomo, 2003.

CHILANTE, E. F. N. **A educação de jovens e adultos brasileiros pós 1990: reparação, equalização e qualificação.** Maringá, 2005. 214 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Maringá, 2005.

FARIA, Márcia Nunes. **A música, fator importante na aprendizagem.** Assis chateaubriand – Pr, 2001. 40f.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. **Pensar a História, Repensar o seu ensino: a disciplina de História no 3º ciclo do ensino básico: alguns princípios orientadores da metodologia de ensino.** Porto: Porto Editora, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 24ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 41ª ed. São Paulo, Cortez, 2001.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002

HADDAD, Sérgio, DI PIERRO, Maria Clara. **Escolarização de Jovens e Adultos.** Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a07.pdf>.> Acesso em: 17 Abril de 2021.

LOUREIRO, Alicia Maria Almeida. **O Ensino de Música na Escola Fundamental.** Campinas: Papirus, 2003.

PAIVA, Vanilda. **Educação popular e educação de adultos**. São Paulo: Loyola, 1987.

PENNA, Maura. **Reavaliações e Buscas em Musicalização**. São Paulo: Loyola, 1990.

PEREIRA, Marcos Villela; LAFARE, Mónica de. **A formação de professores para educação de jovens e adultos (EJA):** as pesquisas na Argentina e no Brasil. Estudos Rbep, Brasília, v. 92, n. 230, p. 70-82, jan. 2017.

PINTO, Álvaro Vieira. SETE LIÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO DE ADULTOS: Introdução e entrevista de Dermeval Saviani e Betty Antunes de Oliveira. 11. Ed. – São Paulo, Cortez, 2002.

SACKS, O. **Alucinações musicais:** relatos sobre a música e o cérebro. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SANT'ANNA, Sita Mara Lopes. **Ensino Supletivo ou EJA? Sentidos e perspectivas da formação continuada de professores no Rio Grande do Sul**. Disponível em <http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/educacao>

Acesso em: 29 de maio de 2021.

SOUZA, Jusamara. Práticas Musicais e Práticas Sociais. Revista da ABEM. n 10, p 7 – 12, mar.2004.

SWANWICK, Keith. **Música, Mente e Educação**. Tradução de Marcell Silvia Steuernagel. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

STRELHOW, Thyeles Borcarte. Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil. Revista HISTEDBR on-line, v. 10, n. 38, 2010.

ZAMPRONHA, M. de L. S. Da Música: Seus usos e Recursos. São Paulo: Unesp, 2002.

WEIGEL, Anna Maria Gonçalves, **Brincando de música**. Porto Alegre RS, Kuarup, 1988.

WOLFFENBUTTEL, Cristina Rolin e SANT'ANNA. **Investigações em Educação Musical**. In: Educação [recurso eletrônico]: atualidade e capacidade de transformação do conhecimento gerado. Organizador Américo Junior Nunes da Silva – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.